

## Apresentação

No início de 2020 apresentamos aos colegas o tema para a seleção de filmes do ano. Escolhemos *ENTRE CRIAÇÃO E DESTRUIÇÃO: 100 anos de Além do Princípio do Prazer*, uma justa homenagem a um escrito seminal – expressivo de momento de virada na teoria psicanalítica – e ainda hoje tão polêmico. A seleção dos filmes buscou contemplar algumas das facetas da eterna luta entre Eros e Thanatos, matéria do sofrimento humano, mas também fonte de admiráveis tentativas de superação que o homem é capaz de criar.

Desde 1918, embora negada por um bom tempo, uma pandemia, tão mortífera quanto a Guerra grassava no mundo. A Gripe Espanhola, a mãe das pandemias, infectou quinhentos milhões de indivíduos, um quarto da população mundial na época, matando entre dezessete milhões e cinquenta milhões de pessoas. Em 1920, encontramos uma Europa devastada pela Primeira Guerra Mundial que mostra a Freud os efeitos psíquicos devastadores provocados pela morte e mutilação de milhões de indivíduos, um número estimado entre nove e dezessete milhões de perdas humanas. Tamanha mortandade, coladas uma na outra, evidenciam a destrutividade que se tornará cada vez mais presente ao longo do século XX.

Por que há pessoas que não suportam serem aliviados de seus sofrimentos e têm recaídas, quando deveriam apresentar melhoras? Por que as experiências traumáticas são repetidas à exaustão? De onde vem tamanha destrutividade no ser humano? Como explicar o masoquismo e o sadismo? Freud percebe que a díade prazer-desprazer como explicação do funcionamento psíquico não era mais sustentada pelas evidências clínicas. Ao se debruçar sobre o fenômeno da compulsão à repetição, desenvolve a ideia de um dualismo pulsional sugerindo que a partir de resquícios biológicos primordiais haveria uma ten-

dência para mais além dos princípios do prazer e da realidade. Seriam tendências primitivas que se encaminhariam a um retorno ao inanimado, presentes em todos os seres vivos. Se a pulsão impulsiona a vida e o desejo, também é responsável pelo desligamento, destrutividade, desunião e pelo incessante movimento das repetições, estas são as marcas do texto de 1920.

Não esqueçamos que apesar de ter terminado seu texto em setembro de 1920, Freud já vinha delineando suas ideias desde pelo menos um ano antes, no início de 1919. Alguns dados são importantes para contextualizar este trabalho: o trabalho excepcional realizado por Sándor Ferenczi com os neuróticos de guerra e a correspondência primorosa de ambos sobre o assunto. Com filhos e muitos analistas no front de guerra era impossível à Freud não ficar impregnado pelo sofrimento originado pela luta pela sobrevivência, a necessidade de formação de laços sociais e a busca de um líder, um pai primitivo, já anunciados em *Totem e tabu*.

Se a Gripe Espanhola, cem anos antes, havia assombrado Freud e a cultura ocidental vitimando inclusive sua filha dileta Sofia, numa repetição assombrosa, uma nova pandemia – o surto mundial de coronavírus, devastou o mundo, estendendo-se por pelo menos mais dois longos e dolorosos anos. A pandemia impediu a realização do Ciclo de Cinema, não só em 2020 como também em 2021. Apenas em 2022 foi possível estabelecermos diretrizes e estratégias de saúde que puderam garantir a saúde e a segurança através da transformação do Ciclo de Cinema originalmente uma atividade coletiva presencial em uma atividade integralmente *on-line*.

No espaço de cem anos entre as pandemias, os efeitos da Gripe Espanhola se tornaram difusos e pouco evidentes quando sobrepostos a destruições que decorreram ao longo deste intervalo de tempo como a Segunda Guerra Mundial, os campos de concentração, a bomba atômica, a guerras subsequentes em diversas partes do mundo, e das devastadoras alterações produzidas pelo homem em sua relação extrativista e abusiva com o meio. Cem anos depois, os progressos espantosos nas Ciências, no entanto, apontavam que, no século XXI, depois de vencer a fome, a doença e a guerra, o *homo sapiens* teria como meta a imortalidade, a felicidade e a divindade – a transformação de *Homo sapiens* em *Homo Deus*, como assinala o filósofo Yuval Harari.

O Covid desfez a fantasia de que já tínhamos o controle sobre as doenças pela biotecnologia. O medo e a incerteza em relação ao futuro retornam, trazendo consigo sentimentos de insuficiência e vulnerabilidade aterrorizantes que nos expôs mais uma vez ao desamparo, à mortalidade e a brutal desigualdade entre indivíduos no mundo.

O que nos ensina a repetição?

A repetição traz a marca da resistência à mudança e à diferença e este pode ser o destino de tantos comportamentos quando dissociados e impermeáveis à elaboração. No entanto, se ela puder ser conexa ao princípio do prazer, como acontece, no jogo, na cultura e na arte e podemos então, não apenas repetir e recordar, mas acima de tudo, elaborar e aprender, mesmo que a passos lentos, com idas e vindas.

Cromberg<sup>1</sup> é muito feliz ao nos lembrar a grande importância do último parágrafo de *Além do princípio do prazer*. Nele, Freud<sup>2</sup> nos alerta e conforta sobre a importância de sermos pacientes e sempre disponíveis ao novo, ao diferente, à disponibilidade em seguir novos caminhos, ainda que devagar e com dificuldade.

Somente os crentes, que exigem que a ciência seja um substituto para o catecismo que abandonaram, culparão um investigador por desenvolver ou mesmo transformar suas concepções. Podemos confortar-nos também pelos lentos avanços de nosso conhecimento científico, com as palavras do poeta (AL-Hariri): “O que não podemos alcançar voando temos de fazer mancando. As escrituras dizem que mancar não é pecado”.

Uma boa leitura para todos,

**Neyza Prochet**  
**Paulo Sérgio Lima Silva**

---

<sup>1</sup> CROMBERG, Renata Udlar. Cem anos de Além do Princípio do Prazer: Sabina Spielrein e a origem do conceito de pulsão de morte. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. 10, p. 4, 2020. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2020/11/09/n-10-4/>>.

<sup>2</sup> FREUD, S. (1920). *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 17-85. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).